

FOUCAULT

O QUE É
A CRÍTICA?

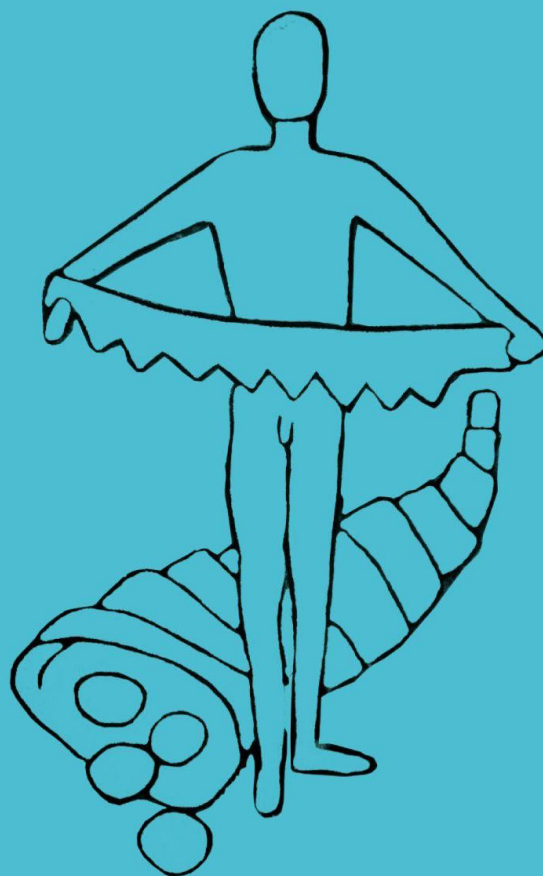


Fig. 1: *O que é a crítica*, de Michel Foucault, lançado em português. Editora Ubu. Imagem: divulgação.

LIVRO

OBRA REÚNE DUAS IMPORTANTES CONFERÊNCIAS DE MICHEL FOUCAULT

ASTRID SAMPAIO FAÇANHA
ABCA/SÃO PAULO

O que é a crítica? (Editora UBU, 192 pp.), conferência proferida por Michel Foucault em 27 de maio de 1978, na Sorbonne, dirigida à Sociedade Francesa de Filosofia, acaba de ser publicada em português, em edição especial de *pas de deux* com outra conferência, proferida em 12 de abril de 1983, na Universidade da Califórnia, em Berkeley, com o tema “A cultura de si” (*La culture de soi*).

As duas conferências, proferidas em dois continentes com cinco anos de intervalo entre elas, têm como elo a questão “O que é o Esclarecimento?” (*Was ist Aufklärung?*), posta por Immanuel Kant em ensaio publicado em 1784. Texto de abertura do livro, *O que é a crítica?* revela-se uma porta dos fundos para o desenvolvimento de uma atitude crítica na modernidade ocidental. Uma lente sem filtros, inclusive para o exercício da crítica de arte contemporânea.

Não é característica de Foucault buscar uma essência, nem se ater a estudos de caso em que a subjetividade toma conta. Muito menos confiar cegamente na história social costurada por fatos

imprecisos, dados como absolutos. Ele aproveita a sacada de Kant para fazer uma genealogia da crítica em seu desenvolvimento, transformações e formas de experiências possíveis: o rascunho de uma arqueologia da crítica.

O que resulta deste esboço? Um verdadeiro jogo do falso e do verdadeiro, o qual, nas palavras de Foucault, “constitui o ser humano como sujeito de conhecimento”. A partir dessa condição, funde-se a aceitação de seguir a regra ou fazer resistência. Colocado em relação consigo próprio e com os outros, o sujeito ético (*sujet éthique*) é chamado a impor-se. A chave da questão para Foucault está justamente nessas relações estabelecidas, principalmente as que se configuram como relações de poder. É, portanto, o núcleo da crítica que amarra tudo isso: o feixe das relações entre poder, verdade e sujeito.

Em *Resposta à pergunta: O que é o Iluminismo?*, publicado em 1784, Kant se refere à *Aufklärung* como um processo ativo de saída da menoridade para a maioridade, em que a maioridade

representa uma postura autônoma e crítica, para fazer uso público de sua razão, sem necessidade de intermediações ou filtros. Em um mundo que, conforme Foucault sempre deixou claro, é regido por uma governança – isto é, processos, estratégias, redes crescentes de técnicas destinadas a guiar, moldar e gerir as possibilidades de comportamento humano –, ter autonomia é, antes de mais nada, ter “cultura de si”, assunto da segunda conferência que acompanha *O que é a crítica?*.

Se a governamentalização é o movimento de uma prática social, segundo Foucault, de “assujeitar” indivíduos por mecanismos de poder, ter autonomia é uma forma de resistência relacional. Segundo a edição brasileira, *A cultura de si* e *O que é a crítica?* podem ser lidos como “polos” através dos quais se torna possível interrogar a evolução do pensamento de Foucault entre 1978 e 1983. Portanto, inscreve sua própria perspectiva histórico-filosófica na esteira da questão da crítica. A edição traz introdução dos editores e anotações dos debates nas conferências.

MAS, AFINAL, O QUE É A CRÍTICA?

Antes de mais nada, Foucault diria para não procurá-la somente nas formulações teóricas, como as da filosofia e da ciência, e sim nas maneiras de dizer, fazer e se comportar em que o indivíduo se manifesta e age como um sujeito de conhecimento. Na abertura do ensaio, narrado na respectiva forma empírica de uma conferência que de fato aconteceu – também pode ser lido como um relato jornalístico, no qual Foucault é o entrevistado –, ele afirma:

“Na realidade, a questão da qual queria lhes falar, e da qual eu ainda quero lhes falar, é: o que é a crítica? Seria necessário ensaiar algumas palavras em torno deste projeto. É uma certa maneira de pensar, de dizer, de agir inclusive, certa relação com o que existe, com o que se diz, com o que se faz, uma relação com a sociedade, com a cultura, uma relação também com os outros e que se poderia chamar, digamos, de atitude crítica”.

Mas, para chegar a esta atitude crítica, algumas relações se estabeleceram. Para Foucault, muito

antes do Iluminismo, a atitude crítica tem uma veia originária – pasmem – nas Escrituras medievais. Ele considera que questionar a Escritura foi uma atitude de questionamento crítico original: “Qual é o tipo de verdade que diz a Escritura, como ter acesso a essa verdade da Escritura na Escritura e talvez apesar do escrito? Por fim: a Escritura é verdadeira?”. Portanto, digamos que a crítica é historicamente bíblica.

A segunda questão que Foucault considera essencial para a crítica é a base de toda a sua pesquisa antropológica e inquietudes filosóficas: não querer ser governado. Não querer ser governado é não aceitar como verdade o que uma autoridade diz ser verdade. Se, como afirma Will Gompertz, curador e crítico de arte britânico, em seu livro *Isso é arte?* (Zahar, 443 pp.), o sistema da arte nas últimas décadas tem sido governado pelo próprio sistema da arte – e, segundo Gompertz, dessa autoridade emergiu o artista-empresário – o crítico de arte pode optar por não querer ser governado.

Para Daniele Lorenzini, coeditora da publicação, esta questão está relacionada tanto com a autonomia levantada por Kant quanto com a verdade posta por Foucault. A arte da insubordinação voluntária não deixa de ser uma decisão refletida de questionar as próprias verdades que nos são apresentadas como autoevidentes e as normas que nos são impostas como naturais.

A crítica, portanto, é o contra-ataque neste jogo. É a prática da dessubjugação. Cabe à crítica rejeitar a “chantagem do Iluminismo”, que prega que ou estamos a favor da voz da razão ou corremos o risco do obscurantismo. O exemplo de um gesto ou atitude de autonomia seria, segundo Lorenzini, parafraseando Foucault: “Usarei a razão para questionar as próprias racionalidades que estão sendo usadas para me governar”.

O que Lorenzini coloca como “a força da verdade” (*force of truth*) pode ser uma chave para refletirmos sobre como algumas afirmações de verdade recebem o poder de governar nossa conduta, enquanto outras não. Não

querer ser governado é não aceitar como verdade tudo que é apresentado como verdade nos *releases*, catálogos e entrevistas configurados pelas regras do sistema. Ou, pelo menos, não o aceitar simplesmente porque a autoridade do sistema diz que é verdade. Segundo Foucault: “Não o aceitar senão quando nós mesmos consideramos como boas as razões para aceitá-lo”. Portanto, não há como escapar: a crítica fixa seu ponto de ancoragem justamente no problema da certeza em face da autoridade. Ou não é assim que deveria ser?

O que é a crítica? traz à tona uma dimensão menos conhecida do projeto de Foucault ao colar seus escritos sobre regimes de verdade e *parrhesia*, em diálogo com a filosofia analítica original, sem perder de vista o campo das “possibilidades” das genealogias foucaultianas, que permanecem vitais para a prática da crítica contemporânea.

O que é a crítica?, de Michel Foucault. Organização: Daniele Lorenzini e Henri-Paul Fruchaud, Editora Ubu, 192 páginas.

ASTRID SAMPAIO FAÇANHA

Jornalista, bacharel em Comunicação Social, mestre em Ciência da Informação no Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica da Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora em Artes na pós-graduação em Estética e História da Arte na Universidade de São Paulo, na linha de pesquisa em Teoria e Crítica de Arte, orientada pela professora dra. Lisbeth Rebollo. Professora universitária, pesquisadora, autora de livros, artigos científicos, artigos em periódicos e textos para exposições de arte e desfiles. Entre suas principais publicações estão o livro *Arte do Vestuário* (Minc/Editora The Way, 2017) e a co-organização da obra *Styling: criação de imagem de moda* (Editora Senac-SP, 3ª edição 2022).